

E, defendendo-se dos eternos pescadores de águas turvas, o mestre justificava seu ponto de vista: não se tratava de racismo, que ele não admitia, num país de fusão das etnias e de fraternidade das culturas. “Trata-se não de conquistar um povo, mas, pelo contrário, numa democracia que vale aquilo que valem os cidadãos, fazer os cidadãos de cor subir o mais alto possível em colaboração com os demais cidadãos”. E rematava — Poder-se-á talvez censurar neste meu ponto de vista um etnocentrismo cultural. Mas é que como admirador da civilização africana, e sabendo que fonte de renovação ela foi para a arte, a música e a poesia, desejaria muito que ela continuasse a ser uma fonte de inspiração para os brasileiros.

Seria impossível traçar o perfil do mestre nestas poucas linhas, ou nelas dissecar sua obra magnífica. Fixo, neste tributo de homenagem, as diretrizes centrais do seu pensamento e atuação, que lhe grangearam, no meio negro brasileiro, num lugar altíssimo e justificado destaque. Sinto a presença do Homem, do Humanista solidário e franco. Percebo o calor da Bondade e do Amor. A coletividade negra o idolatra, agradecida. Mestre foi e mestre continua a ser em minha saudade, Roger Bastide.

São Paulo, maio de 1976

2. Depoimento

José Correia Leite

O testemunho do meu relacionamento com o Prof. Roger Bastide, como um dos militantes da chamada Imprensa Negra, vem da época em que foi efetuada, em São Paulo, a pesquisa das relações raciais entre negros e brancos, patrocinada pela revista *Anhembi* e a UNESCO sob a orientação do próprio Prof. Bastide e Florestan Fernandes. Essa pesquisa de alta significação social, além de alcançar a finalidade de seu objetivo — ou seja, mostrar, exatamente, uma das realidades brasileiras, teve o condão de aproximar o saudoso Prof. Bastide de certo setor, esclarecido, do meio negro de São Paulo.

Neste meio, o Prof. Bastide se identificou como pessoa simples, igual e com um comovente espírito fraterno, grangeando, por isso mesmo a estima, admiração e o respeito de todos que tiveram a felicidade de o rodear.

Diante do Prof. Bastide ninguém se constringia. Era um ser afável, igual, dado o seu hábito de lidar com gente simples, humildes até, nas suas incansáveis investigações e, principalmente a do culto africano, que mais o fascinava e de cujo

ritual foi um ardoroso praticante, razão porque chegava a afirmar: “Até minha morte serei reconhecido a todas as Mães-de-Santo que me trataram como um folho branco, às Joanas de Ogum e às Joanas de Iemanjá, que compreenderam a minha ânsia por novos alimentos culturais.”

Enfim, aproveito o ensejo desta minha modesta comunicação para dizer das lembranças que guardo do Prof. Bastide, dos encontros que participei, principalmente das duas últimas férias que ele passou em São Paulo

A primeira foi em minha casa quando ele veio em companhia do Prof. Florestan Fernandes e Renato Jardim Moreira, para rever velhos amigos que sempre teve no meio negro de São Paulo. A segunda, pouco antes de sua morte, foi na casa do Prof. Florestan Fernandes, em um jantar informal muito íntimo, com a presença do Prof. Antonio Candido e Senhora e mais pessoas. Daí a lembrança, que perpetuará até o resto de meus dias, daquele francês que me honrou com sua amizade e também porque discerniu através de seu estudo da Imprensa Negra do Estado de São Paulo, as aspirações e os anseios que vinham no bojo de uma luta integracionista, de fundo ideológico-fechada no seio de uma classe, portanto relegada ao mais completo desconhecimento, se não fosse a argúcia do notável homem de ciência, verdadeiro sociólogo cuja memória ora se reverencia.

3. Depoimento

Jaime de Aguiar

Prezados Ouvintes:

A minha apresentação, nesta Justa Homenagem, sincera, ao Grande Mestre “ROGER BASTIDE, vai ser um preito digno de todos nós – deste SÃO PAULO de um passado de gloriosas tradições, dignas da nossa sinceridade, com todos aqueles que labutam, trabalham com amor, pela pujança desta cidade acolhedora de todos os povos.

Para nós, os velhos – Hoje, mais do que nunca é o do passado do negro, da nossa raça – O DIA DA SAUDADE.

O nosso grande Bilac, príncipe da poesia nossa, dissera com toda razão – “SAUDADE É A PRESENÇA DOS AUSENTES” – e o poeta BASTOS TIGRES, confirma nesta quadra maravilhosa